ENTREVISTA

Horacio Capel



Entrevistado em 28 de maio de 2013
por Gustavo Teramatsu, Luciano Duarte, Melissa Steda e Wagner Nabarro.

Entrevistamos Horacio Capel durante sua visita a São Paulo, onde realizou a conferência de abertura do "II Simpósio Internacional Eletrificação e Modernização Social – A expansão da energia elétrica para a periferia do capitalismo", com o título "Modernización, electricidad y capitalismo". Capel falou de sua relação com geógrafos brasileiros, a produção geográfica da atualidade, especialmente a brasileira, e também da importância do diálogo interdisciplinar da geografia e de outras ciências para o entendimento das complexas inter-relações que caracterizam a realidade atual.

Boletim Campineiro de Geografia: Boa noite, professor Capel.

Horacio Capel: Boa noite.

BCG: Obrigado por nos receber!

Horacio Capel: É um prazer estar com vocês.

BCG: Muito obrigado! Somos do *Boletim Campineiro de Geografia*, que é uma revista da Associação de Geógrafos Brasileiros — Seção Campinas — como o *Boletim Gaúcho de Geografia*[1], no qual o senhor foi entrevistado em 2007. Temos cerca de dez perguntas e gostaríamos de tratar sobre alguns temas.

Horacio Capel: Antes disso, quero dizer que me alegro muito que seja a revista de um departamento. Acredito que essas revistas são muito importantes. Os comitês de avaliação não as valorizam o suficiente, mas é muito positivo, de maneira geral, que existam revistas de departamentos e de universidades — e especificamente no caso da Geografia e no caso da História, nas quais a conexão com os meios locais e regionais é muito forte. Então me alegra, especialmente neste momento em que se valorizam sobretudo as revistas de alto impacto, que seja uma revista de um departamento.

BCG: É uma jovem revista.

Horacio Capel: E confio que com muito futuro. É importante que exista e, muito mais, que se mantenha.

BCG: O senhor, em sua trajetória de estudos sobre história do pensamento geográfico, realizou importantes análises da literatura científica na Geografia — como no livro *Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea*[2], no qual o senhor avalia as diversas situações europeias

1 A entrevista está disponível em <http://seer.ufrgs.br/bgg/article/download/37442/24187>.

2 A primeira edição foi publicada em 1981 e uma nova edição ampliada publicada em 2012 pela Ediciones del Serbal. As edições brasileiras são: a) CAPEL, H. *Filosofia e Ciência na Geografia contemporânea*: uma introdução à Geografia. Volume 1. Maringá: Massoni, 2004 (2 ª edición: 2008) e disponível *online*, com apresentação da professora Lucia Helena de Oliveira Gerardi. Tem os primeiros quatro capítulos da obra. b) CAPEL, H. *Geografia contemporânea:* ciência e filosofia. Maringá: EDUEM, 2010, com apresentação pelo professor João Lima Sant'Anna Neto e os seguintes capítulos: 5) A tardia institucionalização da geografia britânica: uma confirmação da hipótese; 6) A geografia russa e a Europa oriental; 7) Elementos para provar o modelo: o caso da geografia italiana (inédito); 8) Sociedades geográficas, Geografia e imperialismo e 9) A cooperação científica e os congressos de Geografia. Ambos foram organizados pelo professor Jorge Ulisses Guerra Villalobos, da Universidade Estadual de Maringá. O terceiro volume será publicado em breve.

dessa produção. Como vê a geografia científica nos países do sul global, em particular no Brasil, na atualidade?

Horacio Capel: O Brasil é uma superpotência em tudo, também na ciência, e especialmente na ciência geográfica. Já que se cita a edição brasileira de *Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea,* quero destacar que esses dias mesmo o professor Jorge Guerra Villalobos — que impulsionou esse projeto de tradução ao português que a Universidade de Maringá edita — me mostrou as provas do terceiro volume, que completará a edição da obra em português. Disse-me também que a Universidade de Maringá deseja difundi-la através da internet — estará disponível na internet para todos. Alegra-me muito e quero aproveitar para agradecer ao professor Jorge Guerra e aos colegas da Universidade de Maringá e de outras universidades que colaboraram gratuitamente, de forma generosa, na tradução dessa obra, que tenham feito o esforço de traduzir e de preocupar-se com a edição brasileira desse livro, que nesse terceiro volume vem precedida por um prólogo do professor Jorge Gaspar e uma introdução da professora Maria das Graças Lima.

A pergunta se referia em primeiro lugar à produção científica do Brasil, que creio que — não apenas creio, estou certo — é uma superpotência científica, especialmente na geografia. A geografia brasileira tem uma longa tradição, que se pode remontar, se quiser, ao Renascimento, ao século XVI; foi se transformando como a Geografia europeia e, no século XX, desde os anos 1930 especialmente, teve um desenvolvimento espetacular, que hoje se traduz em uma elevada quantidade de departamentos universitários de Geografia com uma grande atividade e com revistas muito valiosas. Pude vê-lo pessoalmente no Congresso da Associação de Geógrafos Brasileiros que aconteceu em João Pessoa [em 2002][3]. Impressionou-me muito. Já tinha notícia do que são os congressos de Geografia brasileiros — muito grandes — e me impressionou o número, a qualidade e o entusiasmo de todos, especialmente dos jovens. Nesse congresso chegavam professores e estudantes do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina, depois de ter viajado vários dias de ônibus! E instalaram barracas de acampamento para dormir; enfim, realmente me impressionou muito. Também o entusiasmo e o rigor com que se debatiam problemas relevantes para a geografia e para as questões atuais que se colocavam no Brasil nesse momento.

Além disso, há muito tempo tenho mantido uma longa e intensa relação com geógrafos brasileiros, com professores e com estudantes de universidades brasileiras

3 Horacio Capel proferiu a conferência de encerramento do XIII Encontro Nacional de Geógrafos em 26 de julho de 2002, com o tema *La geografía después de los atentados del 11 de septiembre* (**Terra Livre**, ano 18, v. 1, n. 18, jan-jun/2002, p. 11-36).

— alguns hoje também professores. Conheci e tive notícias do que era a geografia brasileira dos anos 1930 e 1940 do professor Pierre Deffontaines[4], que foi diretor do Instituto Francês em Barcelona durante trinta anos e que, quando se aposentou, foi também professor associado de nosso Departamento de Geografia na Universidade de Barcelona. Tive a oportunidade de encontrá-lo pessoalmente e ele me contou muitas coisas da Geografia Brasileira, da época em que ele e Pierre Monbeig vieram para cá, de sua estadia no Rio de Janeiro e em São Paulo. De suas viagens e deslocamentos naqueles anos, surgiu um ramo [da geografia] que ele impulsionou, ou criou, a "Geografia Aérea" – porque do avião, que voava então a uma menor altura que hoje, ia observando e fazendo desenhos do terreno que se via. Bem, tenho, com tudo isso, uma imagem do que era a geografia brasileira naqueles anos.

Logo, tive a sorte de conhecer algumas das grandes figuras da geografia brasileira. Por exemplo, o professor Orlando Valverde, que passou por Barcelona várias vezes e que nos entregou seu livro sobre a Rodovia Belém-Brasília[5]; voltei a vê-lo em plena atividade no Congresso de João Pessoa que comentei anteriormente. Conheci também o professor Manuel Correia de Andrade e tive a oportunidade de falar com ele em várias ocasiões. Conheci igualmente o professor Milton Santos, com quem pude me encontrar em várias ocasiões e com quem tinha uma relação cordial e fluida, pelo fato de que ambos éramos de terras áridas: ele do Nordeste [do Brasil] e eu do Sudeste da Espanha. Isso nos permitia falar sobre questões da aridez desses meios. Eu explicava a ele que, quando estudava na Universidade de Múrcia no começo dos anos 1960, a experiência da SUDENE era conhecida, tanto na universidade – onde o professor Vilá Valenti, que foi meu mestre, falava dela – quanto em meios mais amplos, porque havia a preocupação de resolver os problemas da aridez. Por

Tive a sorte de conhecer algumas das grandes figuras da Geografia brasileira: Orlando Valverde, Manuel Correia de Andrade, Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, Pedro Pinchas Geiger

4 Pierre Deffontaines (1894-1978), geógrafo francês, realizou um trabalho fundamental para a geografia brasileira: em 1934, fundou a cátedra de Geografia da Universidade de São Paulo e no mesmo ano, a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). As avaliações de seu trabalho em Barcelona podem ser encontradas em CAPEL, H. 2009. *Pierre Deffontaines y el desarrollo de la geografía humana*, Biblio 3W, v. XIV, n. 810, 25 de enero de 2009 e em VILÁ VALENTÍ, J. 1980. *In memoriam. L'oeuvre géographique de Pierre Deffontaines à Barcelone*. Revista de Geografia (Barcelona), vol. 14, n. 1-2, 1980.

5 VALVERDE, Orlando; DIAS, Catarina Vergolino. *A rodovia Belém-Brasília:* estudo de geografia regional. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1967.

isso, o que se estava fazendo no Brasil era difundido e examinado também no Sudeste da Espanha naqueles anos.

Tive a oportunidade de conhecer e falar com outras grandes figuras da Geografia brasileira, como o professor Roberto Lobato Corrêa, uma figura muito respeitada — a quem demos, em 2003, o segundo Prêmio Internacional Geocrítica[6]. Recordo-me também de uma reunião que houve no ano de 1968, em Bordeaux, sobre a regionalização no Brasil[7]. Ali conheci o professor Pedro Pinchas Geiger, e ainda que não tenha mantido relação alguma com ele, li muitos de seus trabalhos porque eu, naqueles anos, estava preocupado com as redes urbanas, as hierarquias urbanas. Aquele congresso foi muito interessante para falar diretamente com algumas figuras da geografia brasileira.



Não o conheci pessoalmente, mas li quase com emoção a autobiografia do professor Aziz Nacib Ab'Saber[8]. É uma autobiografia extraordinária, pelo que explica da geografia e pela trajetória de vida que ele tem. Recordo também li que sua tese sobre a geomorfologia de São Paulo[9] e fiquei impressionado da mesma forma por sua personalidade extraordinária do ponto de vida humano.

Além disso, tenho intensa amizade com muitos outros geógrafos brasileiros da atualidade, que não citarei em detalhe porque a entrevista seria interminável. Tive a oportunidade de receber em Barcelona professores e jovens geógrafos que faziam suas teses de doutorado. Todos eles de uma formação intelectual e científica extraordinária. Isso me permite falar da qualidade do ensino da geografia no Brasil, porque todos os que passaram por Barcelona, que foram muitos — eu mesmo

6 Disponível online, em <http://www.ub.edu/geocrit/c5-pgc.htm>.

7 Capel se refere ao seminário internacional "La regionalización de l'espace au Brésil", que foi celebrado em Bordeaux no Centre d'Études de Géographie Tropicale, entidade financiada pelo Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), entre 20 e 22 de novembro de 1968. As comunicações foram publicadas em 1971.

8 Capel fez uma resenha da autobiografia de Aziz Ab'Saber (1924-2012), "O que é ser geógrafo" (São Paulo: Record, 2007), que está disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-763.htm>.

9 AB'SÁBER, A. N. *Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

orientei seis ou oito teses de doutorado, pelo menos, de geógrafos brasileiros —, fizeram trabalhos excelentes, o que mostra que tiveram professores muito bons, e, além disso, que a CAPES e o CNPq fazem uma seleção muito exigente. 99% de todos os brasileiros que passaram pela Universidade de Barcelona foram verdadeiramente estudantes e investigadores de primeira linha.

BCG: Sobre o sul global?

Horacio Capel: Tenho um afeto especial pelo sul global e por tudo o que se refere à América ibero-americana, que inclui os países de língua portuguesa e espanhola. Não só vim aqui diversas vezes, e aqui me sinto em casa — no Brasil, no Chile, no México, na Argentina, na Colômbia —, mas estou convencido de que é no âmbito cultural que temos que aprofundar as relações e decididamente organizar redes de trabalho. Somos vinte países que têm tradições culturais em comum, que têm problemas muitas vezes similares e que podem desenhar programas de trabalho comparativos, o que pode ter uma importância enorme. Porque há — não apenas no Brasil, como já disse, mas em numerosos países — tradições às vezes centenárias, ou inclusive pluricentenárias (porque podem remontar ao século XVII ou ao XVIII no Peru, no México ou no Brasil), e temos de começar programas ambiciosos de pesquisa comparada em escala mundial.

Esta visita que faço agora a São Paulo tem a ver com o II Simpósio Internacional de História da Eletrificação. O primeiro se realizou em Barcelona no ano passado e este acontece aqui, e temos a vontade de continuá-lo no ano que vem, talvez no México, e nos anos seguintes. Neste campo concreto da história da eletrificação e das consequências espaciais da eletricidade, queremos impulsionar redes internacionais que nos permitam avançar na pesquisa.

Creio que há que se levar muito a sério essa dimensão ibero-americana. Os jovens deveriam considerá-la como um projeto científico, político e cultural. Muitas vezes, o que se encontra na Europa ou nos Estados Unidos se encontra mais facilmente e com menor custo em São Paulo, na Cidade do México, em Buenos Aires, em Santiago do Chile, onde há equipes de geógrafos, escolas de Geografia muito prestigiosas e muito potentes — por exemplo, para fazer teses de doutorado ou realizar mestrados, e para onde pode ser tão útil ir, e às vezes até mais, do que a Europa. O que não significa, em absoluto, romper a conexão com outras áreas. Mas, às vezes, podem se encontrar aqui tradições e ensinamentos de grande valor que permitiriam ou que permitirão a configuração destas redes das quais estou falando.

BCG: Seguindo com o tema da avaliação da produção científica em

Geografia no mundo atualmente, quais são, em sua opinião, os métodos geográficos que estão ganhando mais espaço? Quais são os que estão perdendo espaço hoje?

Horacio Capel: Não saberia responder bem (risos)... Não atrevo-me a responder de maneira geral, depende também um pouco da especialidade e dos temas que preocupam a alguém. De modo geral, e já que começamos falando de *Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea*, esse livro foi escrito por mim no começo da década de 1980, em um momento em que estavam em plena ascensão as geografias radicais e humanistas. Eu defendia que houvera, como um vai e vem, um movimento a partir de posicionamentos positivos para outras historicistas e antipositivistas, com um retorno, outra vez, à anterior; e que era importante levar em consideração esta oscilação no modo de se aproximar da realidade.

Embora a obra tivesse sido reeditada e estivesse esgotada, não decidia a revisá-la, porque a produção geográfica em teoria e metodologia é tanta que requereria um grande esforço pessoal para colocá-la em dia, um esforço que não me via capaz de fazer, sobretudo quando me interessavam também outros temas.

Atrevo-me a dizer que é preciso fazer um esforço para recuperar a tradição positivista e neopositivista na Geografia

Ultimamente, decidi que fosse feita esta reedição ampliada, porque tive que dar uma conferência solicitada pelo Colégio [profissional] de Geógrafos da Espanha e me propuseram inclusive o tema, relacionado ao impacto que tiveram as novas tecnologias na Geografia. Então dediquei a conferência a novas Geografias e às neogeografias[10]. E me pareceu que uma maneira relativamente elegante de fazer essa reedição ampliada era incorporar esta conferência, como um novo capítulo.

Nesse capítulo, atrevo-me a dizer que é preciso fazer um esforço para recuperar a tradição positivista e neopositivista na Geografia. Os métodos humanistas, qualitativos, pós-modernos, as aproximações que são feitas nos últimos anos, permitiram, sem dúvida alguma, enriquecer a Geografia — embora às vezes caiam em repetições e em explicações que parecem escassamente científicas.

Nas ciências sociais, há um momento em que parece que tudo vale, que todas as interpretações valem, que a intuição tem uma grande importância; e acredito que necessitaríamos formalizar mais. Necessitaríamos, não; necessitarão os jovens (risos)! Porque os mais velhos... faremos o que podemos. Mas eu os chamo a

10 Jornada sobre *La Web 3.0 y la neogeografía*, organizada pelo Colegio de Geógrafos de España na Universidade de Alicante em 26 de outubro de 2011.

atenção para a necessidade que há de formalizar mais o raciocínio científico nas ciências sociais e incorporar outra vez decididamente perspectivas teoréticas e quantitativas, como foram denominadas nos anos 1950 até a década de 1970, e que logo foram abandonadas.

Lembro que em 1972, quando começa a se desenvolver a nova Geografia radical, humanista, e havia críticas muito fortes aos métodos quantitativos — muitas delas totalmente justificadas —, Richard Morrill[11] disse: "os métodos quantitativos se tornam radicais aplicando-os a problemas radicais". Parece-me uma perspectiva muito interessante e valiosa: os métodos quantitativos podem ser aplicados, pois, de muitas maneiras. Há, além disso, neste momento, problemas que exigem aproximações quantitativas no campo das ciências sociais — mesmo que apenas para colocar ordem e encontrar coerência na imensidão de informações que existem. Mesmo que seja apenas para isso, há a necessidade de utilizar métodos quantitativos, matemáticos, por isso se deve animar os jovens geógrafos a que façam esforços nessa direção.



BCG: E o que o senhor pensa, nesse sentido também, sobre a situação atual da geografia crítica?

Horacio Capel: Bem, parece-me que é absolutamente necessária e se deve aprofundá-la. Recordo que em uma apresentação da nova edição de *Filosofia y ciencia en la Geografía*... — como esse novo capítulo, em que explico mais ou mesmo o que estou lhes dizendo —, no debate, uma professora muito querida por mim pontuou: "talvez seja excessiva esta chamada que você faz para a utilização de métodos quantitativos novamente na Geografia, porque a geografia crítica ainda é necessária". Uma coisa e outra não são incompatíveis. Acredito que a geografia crítica — de modo geral, sem precisar melhor — é imprescindível. A geografia crítica, o que a geografia crítica representa, é absolutamente necessário para a geografia. Mas isso não significa que não há de se utilizar também métodos

11 Professor emérito da Universidade de Washington, nos Estados Unidos.

quantitativos aplicados a problemas sociais, radicais, que são relevantes.

BCG: Como você vê a interação entre a produção da geografia crítica no mundo atualmente? Dado seu projeto das revistas da Geocrítica, acredita que há possibilidades de aumentar os intercâmbios entre a geografia de diferentes países e continentes?

Horacio Capel: Os intercâmbios já são uma realidade, portanto não temos muito o que especular sobre isso. Quero dizer, a *internet* trouxe uma revolução de tal caráter que essa pergunta se responde constatando que aquele que queira, que tenha a vontade de estabelecer intercâmbios, possui um instrumento poderosíssimo que há vinte anos não existia. Então, depende da vontade e depende dos projetos que se tenha.

As redes em nossos países hão de ser, antes de tudo, redes nacionais – ou quase continentais, como as brasileiras – e ibero-americanas. Isto para começar; mas depois, devem estar abertas a outras realidades. O mundo está mudando profundamente. A ascensão da China e o que representa a Índia é algo que há vinte ou trinta anos não se apresentava da mesma maneira.

A abertura e a ênfase que devem ser colocadas em primeiro lugar nas relações em nosso próprio âmbito cultural ibero-americano não significam que tenham de ser exclusivamente com ele. Deve existir também uma abertura para essas outras realidades culturais, cuja compreensão exige um grande esforço. Muitos jovens terão que aprender chinês, sem dúvida alguma. Não basta já o inglês.

De toda forma, é possível que, também nesse sentido, haja avanços extraordinários, porque os tradutores automáticos estão progredindo consideravelmente. Lembro que as traduções feitas há cinco ou dez anos eram bastante elementares. Mas hoje estão conseguindo grandes melhorias na tradução de um idioma para outro, através do Google e outros tradutores. Com o pouco que alguém saiba, tem-se uma primeira versão que logo, aplicando o sentido comum do conhecimento do idioma, permite melhorá-la bastante. Suponho que com o chinês deve ocorrer o mesmo.

Há gente que diz "claro, mas essas traduções não servem, porque não captam as nuances da língua"! Em relação a essas objeções, lembro que a uma observação desse tipo alguém respondeu: "bem, é que as traduções automáticas são como as máquinas de lavar; servem para determinadas peças. Se alguém quer lavar um lençol, a lavadora serve perfeitamente; se alguém quer lavar uma camisa de seda, é indispensável lavá-la a mão".

De maneira similar, para algumas coisas a tradução automática pode servir perfeitamente. Não fiz essa experiência, mas é possível que um tradutor automático do chinês para o inglês ou do inglês ao espanhol permita a um cientista que não conhece essa língua entender um artigo em seu essencial, porque domina a terminologia, conhece o problema apresentado, pode entender as estatísticas ou os testemunhos ali reproduzidos.

Entretanto, ninguém pretenderá traduzir com um tradutor automático uma poesia de Shakespeare ou de Schiller. Para isso, é preciso fazê-lo manualmente. É certo que estão acontecendo avanços consideráveis. O mesmo com a *web* semântica, que abre também possibilidades imensas que os cientistas já estão utilizando. Também é possível que nesse campo estejam ocorrendo progressos que não conhecemos. O que não significa que não se tenha de aprender outras línguas. Uma comunidade científica como a brasileira, com milhares de geógrafos — já que estamos falando deste campo —, tem que se esforçar para que um determinado número deles aprendam chinês, tornem-se especialistas na geografia da China, e estabeleçam vínculos com essa realidade; e outros deverão aprender idiomas africanos, japonês e muito mais... É preciso fazer esforços nesse sentido, sobretudo em países da dimensão do Brasil e da importância que tem a comunidade geográfica brasileira.

BCG: Agora vamos falar da urbanização e das redes urbanas. As redes técnicas exerceram grande influência nas cidades e na rede urbana dos países no século XX, sendo consideradas estratégicas e necessárias para garantir as atividades econômicas e os direitos sociais. Levando em conta o enfoque atual de suas pesquisas no estudo destas redes, como você entende a influência de outras variáveis, como a informação e as finanças — que se baseiam na densidade destas próprias redes —, na dinâmica das cidades e das redes urbanas atuais?

Horacio Capel: É uma pergunta muito ampla (risos)! As redes técnicas se referem às redes ferroviárias, telegráficas, telefônicas... Bem, não sei se posso responder toda a pergunta, e sobretudo sua parte final, onde se passa a explicações mais gerais. Estou convencido da importância das redes técnicas no mundo contemporâneo e dei atenção a algumas delas: aos telégrafos, aos telefones — e várias pessoas que trabalham comigo se dedicaram às redes de distribuição de gás, entre outras. Este simpósio que estamos realizando agora em São Paulo tem a ver com as redes de eletricidade. Todas elas, e outras que podemos acrescentar — as estradas de ferro etc. —, são essenciais e transformaram o mundo. Há um livro famoso de um geógrafo que também é engenheiro, Gabriel Dupuy, intitulado *O*

urbanismo das redes[12], em que defende algo que parece bastante sensato: que, para entender a organização urbana, o primeiro que há de se levar em conta são as redes técnicas, que permitem que a cidade funcione: redes elétricas, de água, de esgoto, ferroviárias etc. Deste ponto de vista, não há dúvida de que são fundamentais.

Aqueles que viram a criação de algumas destas redes tiveram consciência desde o século XIX de sua importância. Lembro que quando trabalhei sobre a implantação das redes telegráficas, encontrei testemunhos de contemporâneos, da década de 1840 ou 1850, que estavam verdadeiramente impressionados com o que representava o telégrafo: transmitir notícias à mesma velocidade que se escreve lhes parecia, e assim diziam, a maior revolução que havia ocorrido na história da humanidade. Mais do que o descobrimento da América, mais do que a máquina a vapor, mais do que outros grandes avanços, era a invenção do telégrafo. O mesmo aconteceu com as ferrovias, que também representaram uma mudança transcendental.



Ter consciência da admiração que aquilo provocou nos contemporâneos é interessante, não só por seu valor histórico, mas porque estamos em uma época em que já ninguém se surpreende com nada. Às vezes, estão transmitindo uma saída ao espaço a partir da estação espacial, e podemos continuar comendo ou falando sem prestar atenção. São tantas as mudanças que ocorreram que se perdeu a capacidade de surpresa.

Boletim Campineiro de Geografia: Como você entende a influência de outras variáveis, como a informação e as finanças, na dinâmica das cidades hoje, na dinâmica das redes urbanas atuais? Outras variáveis do período contemporâneo, da globalização?

Horacio Capel: Claro, estas redes que se constituíram a partir do século XX foram transformando o mundo e, ao mesmo tempo, elas mesmas foram mudando. Teríamos que analisar cada uma delas e o modo como foram crescendo e mudando os hábitos sociais. Ainda no início do século XX, havia poucos milhões de telégrafos

12 *L'urbanisme des réseaux, théories et méthodes.* Paris: Armand Colin, 1991.

e telefones no mundo; lembro que na Espanha, nos anos 1960, nem todos os telefones eram automatizados. Havia que pedir a conferência, se alguém quisesse falar com outra cidade. Então, a telefonista poderia dizer: "há um atraso"; isso significava que talvez te dessem a conferência uma ou duas horas mais tarde, se fosse um momento de muito tráfego.

O fato do telefone não ser automático tinha consequências. Posso contar uma anedota pessoal e familiar: tinha umas tias que viviam em um povoado e que, como sabiam que as telefonistas podiam escutar a conversa, falavam meio em código: "aquele que te disse..."; quando colocaram o telefone automático, continuavam falando assim, "não, nunca se sabe, nunca se sabe....", e talvez tivessem razão (risos). Era uma situação que acontecia em um país como a Espanha, ainda nos anos 1960 e no começo dos 70. Logo o telefone se tornou automático e começou a estar nas casas, nas residências, de maneira cada vez mais ampla.

O que o celular representa há uma década, não mais do que isso, é algo verdadeiramente assombroso, uma grande mudança, com a possibilidade de ter GPS, tirar fotografias, a gravação...; tudo isso é uma transformação do telefone inicial, de tal dimensão que parece quase inacreditável. Poderíamos analisar uma ou todas estas transformações, que incluem o surgimento dos computadores — que, por sua vez, estão se transformando profundamente. Lembro que quando comecei a me conectar à *internet* e a usar o computador, as limitações eram muito grandes. Depois, a explosão da tecnologia, da técnica dos computadores, dos programas, foi algo verdadeiramente extraordinário.

Tudo isso, sabemos muito bem, contribuiu para aprofundar a mudança. Às vezes, não como se esperava — por exemplo, no que se dizia sobre o teletrabalho. Lembro que houve um tempo em que se falava muito do teletrabalho, das transformações que se previam, mas logo não se difundiram tanto como poderíamos suspeitar, porque há um inconveniente que é o isolamento. Conheço pessoas que se dedicam à tradução e que não aguentam o trabalho totalmente isolado, em sua própria casa. Se essa pessoa tem um companheiro que trabalha fora e está o dia inteiro sozinha, acontece que não pode aguentar o teletrabalho como trabalho isolado. Conheço situações de pessoas que trabalham dessa maneira, em sua casa — o que parecia a situação ideal, e que acabaram alugando uma mesa em um escritório para poder ir trabalhar em um lugar onde haja outras pessoas. Às vezes, previsões são feitas nas primeiras fases de uma técnica que logo são desmentidas pela realidade, ou voltam a ser recuperadas. Então, deve-se falar de cada situação concreta, tendo consciência das mudanças históricas que se vão produzindo.

BCG: Em seu livro *El modelo de Barcelona – un examen crítico* [2005], você destaca a necessidade de uma maior participação dos cidadãos no planejamento urbano. Levando em conta o que ocorreu em Barcelona em 1992, a cidade do Rio de Janeiro será a sede dos Jogos Olímpicos de 2016 e será também sede de algumas partidas da Copa do Mundo de Futebol em 2014. No caso específico do Rio de Janeiro, o que você pensa do papel do Estado, em um país subdesenvolvido como o Brasil, como financiador e promotor da renovação das materialidades urbanas? Estas que ao mesmo tempo em que dotam o território da nova infraestrutura direcionada aos eventos esportivos, como estádios, parques olímpicos, transportes terrestres e aeroportuários etc., também promovem a exclusão social através, por exemplo, da remoção forçada de comunidades para a realizada das obras planejadas, como tem sido denunciado pelos movimentos populares do Rio de Janeiro.

Horacio Capel: É uma pergunta muito complexa. Vou dizer algo de entrada sobre isso que vocês disseram: "que nos países subdesenvolvidos como o Brasil..." Bem, acredito que vocês estão enganados, não é a primeira vez que ouço isso, mas precisam revisar seus conceitos.

Havia geógrafos brasileiros empenhados em dizer que o Brasil era subdesenvolvido e que São Paulo é um exemplo de cidade subdesenvolvida. E eu me assustava: "mas como podem dizer isso?"

BCG: É uma provocação também...

Horacio Capel: Estávamos falando antes da superpotência que é o Brasil, e parece que estávamos de acordo; falar agora de país subdesenvolvido... Não me surpreende, porque desde o começo dos anos 1980, quando comecei a vir para cá, sempre tive essa discussão com alguns amigos brasileiros. Lembro-me muito da minha primeira visita a São Paulo, depois de ter visto a cidade do Edifício Itália, uma das visões mais impressionantes que se pode ter no mundo, do ponto de vista urbano. Havia geógrafos brasileiros empenhados em dizer que o Brasil era subdesenvolvido e que São Paulo é um exemplo de cidade subdesenvolvida. E eu me assustava: "mas como podem dizer isso?". O que me impressionava, e ainda me impressiona, nesta cidade, é o dinamismo. "Sim, mas..." e davam sucessivos argumentos para mostrar que, ainda assim, era uma cidade subdesenvolvida. Finalmente chegavam a um argumento que lhes parecia decisivo: "há muitos pobres". Algo que eu respondia: "bem, também em Nova York há muitos pobres, e não se diz que a cidade ou os Estados Unidos sejam subdesenvolvidos".

Às vezes nessas discussões alguém dizia: "bem, em Nova York há pobres, mas são porto-riquenhos, são mexicanos", ou "na Califórnia há muitos pobres, mas são mexicanos". E me parecia curioso que os pobres mexicanos, se vivem no México, são mexicanos; e se vivem nos Estados Unidos, trabalhando na economia norte-americana, continuam sendo mexicanos. Algo está errado aqui.


Vista do último andar do Edifício Itália, em São Paulo. Foto: Isabela Fajardo.

Isso me fez pensar muitas vezes que, se é certo que precisamos de teorias para observar a realidade, o que às vezes acontece é que essas teorias obrigam a ver a realidade de uma determinada maneira; ou quando se transformam em mais do que teorias, em esquemas teóricos, permitem ver certas coisas, mas impedem ver outras. Aqueles que nos anos 1980 e 1990 — e é possível que ainda hoje — falavam do Brasil como um país subdesenvolvido, o fazem com conceitos teóricos que têm a ver com ideias de subdesenvolvimento que foram difundidas nos anos 1950, 1960 e 1970, e isso os leva a ver de uma determinada maneira essa realidade. O conceito de subdesenvolvimento permitiu descobrir, naqueles anos, dimensões muito interessantes, mas também chegava a simplificações e generalizações excessivas. Lembro-me de discussões desse mesmo tipo na Argentina, com aqueles que se empenhavam em dizer que Buenos Aires é uma cidade subdesenvolvida, ou que a Argentina era um país subdesenvolvido e que estava no mesmo grupo que a Somália. Há simplificações teóricas que são aceitas e que impedem ver verdadeiramente a realidade. Por exemplo, no caso da Argentina, que foi no primeiro terço do século XX um dos países mais desenvolvidos do mundo.

BCG: Então, foi uma provocação.

Horacio Capel: Menos mal que não caí nela e disse "sim, sim, um país subdesenvolvido como o Brasil (risos)!

BCG: Mas o que você pensa do papel do Estado nas obras para esses

grandes eventos e a exclusão social?

Horacio Capel: A pergunta, recordo, começava com o modelo Barcelona e falava da participação, que é uma questão que me parece muito importante.

BCG: Dos cidadãos no planejamento.

Horacio Capel: Claro, no planejamento e em tudo. Estamos em uma democracia formal, representativa, que às vezes recebe muitas críticas e que é deslegitimada levianamente. Porque a democracia, para começar, tem de ser formal, tem de ter algumas formalidades: o voto tem de ser secreto e se deve saber quem vota, não pode ser uma votação de assembleia, onde não se sabe quem vota e se faz levantando a mão. A democracia tem algumas exigências formais e a democracia representativa, que se impôs no Estado liberal a partir do século XIX, foi um avanço considerável, que foi sendo aprofundado desde o século XIX. Porque primeiro votavam apenas as pessoas que tinham certo nível econômico, logo se foi ampliando ao sufrágio universal, que significava sufrágio somente masculino, as mulheres começaram a votar muito mais tarde, pelos anos 1930; antes se votava com vinte e um anos, e hoje se vota a partir dos dezoito, e pede-se que se amplie para os dezesseis anos.

BCG: Aqui [no Brasil] é com dezesseis [anos].

Horacio Capel: Dezesseis? Sem dúvida é um aprofundamento que se vai incorporando à democracia, ao sistema democrático, a muito mais pessoas. Bom, isto é o ponto de partida, e em seguida há situações, neste momento muito numerosas, que exigem que se aprofunde a democracia incorporando sistemas participativos. Por exemplo, pelo que vocês levantaram na relação com o urbanismo. Não pode ser que políticos eleitos há três ou quatro anos, e técnicos muito cheios de si e que pensam que possuem a ciência em suas mãos, tomem só eles as decisões. Têm de fazer propostas, que têm de ser discutidas através do diálogo durante o tempo que seja necessário.

O urbanismo é um exemplo claro onde se vê de modo absolutamente urgente que há que se avançar neste campo da participação e do diálogo, a partir de propostas feitas por técnicos e políticos, e discutindo tudo o que for preciso, até chegar a tomar uma decisão que, finalmente, deva ser referendada democraticamente. Essa é outra dimensão, da qual poderíamos seguir falando: a necessidade de aprofundar a democracia, com uma democracia participativa — que não questiona a outra, mas a aprofunda —, e a aplicação de seus princípios de

maneira muito ampla.

A respeito do Estado, eu creio que é necessário, e creio que foi leviana ou interessadamente deslegitimado pela esquerda e pela direita. A esquerda que, muitas vezes, repetiu que o Estado é um instrumento a serviço da classe dominante. Pois, é possível, e aqui na América há exemplos de Estados que poderiam servir como muito representativos para demonstrar isso; mas ele tem também outras funções. Em um debate que houve recentemente sobre a democracia, o Estado e a urbanização, alguém disse, em relação a algumas afirmações minhas: "como disse David Harvey, se o Estado não existisse, os capitalistas o teriam inventado". Ao que eu respondi: "pois posso argumentar em outro sentido: se o Estado não existisse, os pobres o teriam inventado". Porque é o único mecanismo que até agora existiu que pode redistribuir recursos, extraindo-os dos mais ricos e revertendo-os aos mais pobres através do seguro-desemprego ou da prestação de serviços, da educação pública, da saúde etc. Que ele faça ou não, é outra questão, mas ele pode fazer, e depende de um sistema democrático, pois depende da vontade dos votantes. Se decidem eleger governos de direita, parlamentos e governos de direita, aprovarão leis reacionárias. Se, em contrapartida, elegem representantes de esquerda, então podem elaborar e votar leis verdadeiramente revolucionárias, que transformem a realidade.



Pela esquerda houve essas desqualificações do Estado, e pela direita também, porque toda a corrente neoliberal desde o final dos anos 1970 tem insistido em deslegitimar o Estado e em subtrair-lhe atribuições. O Estado, dizia-se, não deveria ser regulado porque já o regulariam as empresas; e deveriam privatizar os organismos, as empresas públicas que foram por vezes estatizadas a grande custo em anos anteriores. Tudo isso está na base da situação que produziu a atual crise econômica. Eu creio que precisamos refletir sobre o Estado, sobre as funções que o Estado desempenha, e transformá-lo em tudo o que seja necessário para que cumpra suas funções de uma maneira mais eficaz e a serviço de toda a população, não só a serviço da classe dominante, que é para o quê tem servido em algumas situações.

BCG: O senhor conhece o Bolsa Família?

Horacio Capel: Sim, aqui do Brasil? Claro, claro, é uma forma de distribuição de renda que é absolutamente necessária para a manutenção do bem-estar e da saúde de toda a população. Neste momento, em situações de forte imigração, os imigrantes que não têm documentos estão em situações muito precárias; em algumas situações, por exemplo, na Espanha, tiveram o cartão sanitário, que lhes dava direito a uma assistência médica, que agora o governo de direita tenta eliminar. Isso tem uma consequência muito grande. Porque ainda que seja apenas para o controle das enfermidades infecciosas, ele é absolutamente necessário, além dos princípios éticos e de justiça.

A saúde pública, a escola pública, a redistribuição de recursos são as únicas garantias que existem para a convivência em paz no futuro, e quem deve fazer isso é o Estado, que cumpre funções fundamentais. Governos progressistas, como foi o governo de Lula e o atual governo brasileiro, tomam medidas que realmente vão na direção da redistribuição de recursos. Porém há que se fazer mais, porque há que se realizar reformas fiscais muito profundas, que ainda não se atrevem a fazer, o que daria mais recursos para o Estado redistribuir.

BCG: Também com relação às políticas urbanas, como o senhor se coloca diante do debate de hoje sobre o direito à cidade? Vê alguma possibilidade, neste momento, de que caminhemos para a construção do direito à cidade? Como uma práxis geográfica pode contribuir, levando em conta a realidade dos países da América Latina?

Horacio Capel: O direito à cidade é uma expressão, uma ideia que Henri Lefebvre formulou no livro assim chamado[13], que provavelmente ainda é o mais interessante daqueles que escreveu, e que teve uma força enorme e repercussões extraordinárias. Hoje, há muitos que reivindicam o direito à cidade, e isso se converteu num *slogan* de transformação, que pede o que Henri Lefebvre apontava e muitas outras coisas que foram se juntando depois.

Essa reivindicação do direito à cidade foi enriquecida e carregada de novos significados nos últimos anos, desde que Henri Lefebvre a propôs; é uma reivindicação muito justa que pode estar impulsionando transformações ou demandas para a transformação das cidades, especialmente aqui no mundo ibero-americano, onde houve várias conferências internacionais que avançaram nessa direção.

Mas há que se falar também do direito para a cidade, porque a cidade e a

13 LEFEBVRE, Henri. *Le droit à la ville*. Paris: Anthropos, 1968.

sociedade se transformarão com o direito. Todos esses pedidos do direito à cidade se plasmarão finalmente em leis que são as que vão permitir que essa transformação realmente se realize, e que se tenha estabilidade e continuidade, as quais têm a ver com o tema que vocês levantaram antes, do Estado e da reforma do Estado.

BCG: Um pouco sobre a crise e o planejamento, ainda. Temos observado, nos últimos anos, as consequências da crise financeira global, particularmente nos países da União Europeia e, é claro, na Espanha. Esses países têm experimentado efeitos como altas taxas de desemprego e políticas de austeridade, que levaram as pessoas às ruas. Alguns geógrafos ressaltam a importância dos levantes populares para discutir a crise e dirigi-la a questões como a desigualdade social, a democracia e os efeitos das políticas neoliberais. Como o senhor crê que a Geografia pode entrar nesse debate de maneira mais significativa?

Horacio Capel: A crise foi provocada em grande parte pelas políticas neoliberais de que antes falávamos, essa deslegitimação do Estado, essa confiança cega na mão invisível do mercado, essa confiança em que as empresas mesmo iam se autorregular, a prepotência de cientistas sociais, de economistas que se esqueciam da história, que tinham pouco conhecimento histórico e pretensões de previsões que se demonstraram falsas, que não tinham uma base sólida. Bom, muitos fatores contribuíram para a crise atual. É uma crise evidentemente muito complexa e na qual intervêm também outros fatores; por exemplo, o problema do trabalho e do desemprego.

Há questões que necessitam também de mudanças profundas; por exemplo, o tema da herança. Como é possível que se admita hoje que propriedades que se acumulam há cem anos continuem sendo transmitidas aos herdeiros?

Será preciso mudar muitos esquemas de pensamento, porque nunca houve tanta população no mundo como hoje — mais de 7,5 bilhões de habitantes —, e nunca se precisou menos de força de trabalho para os processos produtivos e para os serviços. Então teremos que repensar tudo o que se refere ao trabalho, em escala mundial evidentemente, e teremos que pensar que na situação atual é imprescindível assegurar uma renda mínima a todas as pessoas, quer tenham trabalho ou não, o que pode ser um princípio em que facilmente concordamos, por razões de justiça e de equidade.

Mas é evidente que isso supõe dispor de recursos consideráveis e de

mecanismos de redistribuição de todos os recursos através da administração pública. E recursos significam impostos cada vez maiores. Há questões que necessitam também de mudanças profundas; por exemplo, o tema da herança. Como é possível que se admita hoje que propriedades que se acumularam há cem anos continuem sendo transmitidas aos herdeiros? Isso não tem sentido. Há propriedades que podem vir de muito antes, de vários séculos atrás, até mesmo da Idade Média na Europa. Como é possível que a propriedade, que provavelmente tem um sentido como propriedade familiar ou individual, possa se transmitir ainda depois de mais de uma centena de anos?

Se pensamos na propriedade da casa própria, é razoável que se possa transmitir aos filhos uma moradia que uma família conseguiu adquirir com muito esforço. Parece razoável que se transmita aos filhos, possivelmente também aos netos. Mas aos bisnetos e aos tataranetos, isso não tem sentido! Poderíamos concordar, de forma relativamente fácil, em relação à propriedade da própria casa, debatendo se, a partir de certo momento, deveria voltar a ser propriedade coletiva.

BCG: Sim, e a questão imobiliária é muito importante também na crise, hoje.

Horacio Capel: Se nos colocássemos de acordo sobre a moradia individual, imediatamente se mostraria lógico que as propriedades que são mais antigas e de maior valor, ao fim de certo tempo deveriam, certamente, passar a ser propriedades públicas. Há muitas coisas que têm de ser repensadas.

Com relação à crise atual, não creio que esteja sendo proposto da maneira adequada o tema do emprego e do desemprego, já que não se fala dos horários de trabalho, da renda mínima. A questão da recuperação da economia visa dar estímulo à aquisição de veículos, porque a indústria de automóveis é muito importante, quando todos sabemos que o automóvel é responsável pela poluição ambiental. Devem existir outros mecanismos de recuperação econômica que não sejam seguir aumentando o consumo e impulsionando a produção de automóveis individuais e a venda de automóveis, cujas consequências são conhecidas. E de maneira similar ocorre no tema dos impostos: há muitas políticas que se propunham e que consistem em rebaixar os impostos para estimular o consumo. Isso deve ser repensado, porque o que se necessita na verdade, provavelmente, é aumentar os impostos — a quem se possa aumentar, naturalmente e, é claro, às classes que mais têm — e que, com esses recursos que se possa obter, haja também dinheiro para atender aos programas de ajuda social que devem ser criados.

Há toda uma série de questões que exigem repensar o funcionamento da

economia e repensar um futuro que há de ser bastante distinto, ou não será. Porque se seguimos com esses ritmos de consumo, de aquisição de veículos que já não cabem em nossas ruas e em nossas cidades, vamos ao desastre. Portanto, deveríamos pensar não só na saída imediata da crise, como também na construção de um futuro que tem de ser necessariamente distinto. Então aí os jovens têm um papel decisivo, porque é o mundo de vocês e de seus filhos que vocês têm que construir.

BCG: Falando ainda sobre a crise, que semelhanças e diferenças o senhor vê entre as lutas e propostas para fazer frente a crise nos países europeus e latino-americanos?

Horacio Capel: Antes havia uma pergunta sobre os movimentos...

BCG: É a mesma, sobre os movimentos das pessoas nas ruas.

Horacio Capel: Bem, a pressão popular é imprescindível para abrir a consciência de políticos e de empresários.

Deveríamos pensar não só na saída imediata da crise, como também na construção de um futuro que tem de ser necessariamente distinto. Então aí os jovens têm um papel decisivo

BCG: Falando dos movimentos, vê semelhanças ou diferenças entre os movimentos das pessoas na Europa e na América Latina?

Horacio Capel: De maneira geral, em primeiro lugar, creio que é importante a pressão cidadã e popular exercida de maneiras distintas — uma delas através das manifestações e de se fazer ouvir publicamente para abrir os olhos dos políticos e empresários. De toda maneira, sou totalmente contrário à violência e creio que nos sistemas democráticos temos mecanismos que são importantes para tomar decisões e para transformar a sociedade. Algumas dessas revoltas populares, quando acompanhadas de violência, tiveram consequências negativas. E há exemplos de lutas que se fizeram visíveis através da imprensa e que se valorizaram muito, mas que tiveram consequências nem sempre favoráveis, como os movimentos que têm acontecido no mundo islâmico há um tempo.

Então, ainda aceitando o fazer-se visível com os protestos nas ruas, creio que se deveria fazer isso sempre sem violência e paralelamente a outros mecanismos que creio que existam, e que se pode utilizar em um sistema democrático. A

respeito das diferenças entre a Europa e a América, talvez essa pergunta vocês poderiam responder melhor que eu, não me atreveria a especular sobre isso.

BCG: Dado que a crise é global, como são os enfrentamentos da crise aqui e lá?

Creio que é importante a pressão cidadã e popular exercida de maneiras distintas – uma delas através das manifestações e de se fazer ouvir publicamente para abrir os olhos dos políticos e empresários

Horacio Capel: Não sei, creio que há aspectos aqui que são surpreendentes, e que não sei se vão evoluir de maneira similar a como evoluíram na Europa. Por exemplo, o tema do desenvolvimento imobiliário. Estive, não faz muito tempo, em Natal, e me impressionou o crescimento imobiliário, com torres de quinze ou vinte andares. Lembro que se falava de quase mil torres de mais de seis andares, uma parte delas de mais de quinze ou vinte. Não sei, um número verdadeiramente assombroso e com preços de venda dos apartamentos que pareciam muito excessivos para o nível normal aqui no Brasil. Dizia-se que havia italianos, russos e outros europeus que os compravam. E me parecia que é uma situação semelhante àquela que havia na Espanha antes da explosão da bolha imobiliária.

Aqui em São Paulo, chegando do aeroporto, a imagem que se tem é de um crescimento imobiliário espetacular; os mesmos paulistas explicam que isso acontece porque a cidade é uma sede mundial, e que vem muita gente de fora com o desejo de investir aqui ou de adquirir propriedades. Explicam que as imobiliárias daqui têm fontes de financiamento próprias e que não dependem tanto dos bancos. São explicações que a mim não convencem. E quanto se vê os jornais dos dias de hoje — por exemplo, a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* —, impressiona a quantidade de anúncios imobiliários, de fotografias desses empreendimentos — normalmente torres muito altas e com ambientes exclusivos —, e parece algo tão exagerado que te faz pensar, como quando isso acontecia na Espanha, que estão preocupados em vender urgentemente os apartamentos que estão construindo.

BCG: Isso ocorre em Campinas também.

Horacio Capel: Sim, sim, em Florianópolis, e em Londrina, e em muitas cidades mais; praticamente em todos os lugares. Então a intuição que se tem, vendo tudo isso, é que pode haver uma explosão de uma bolha imobiliária. Ainda que as pessoas com quem falo neguem — o que não sei se é um desejo otimista ou um

conhecimento profundo da situação. Espero que não aconteça. Estes dias estou lendo que a desaceleração da economia na China vai afetar o Brasil. Quer dizer que há tal quantidade de inter-relações, de interações neste momento, que a evolução econômica do futuro é bastante imprevisível.

BCG: Então, para finalizar, a última questão... Pode falar um pouco sobre como vê o intercâmbio de debates entre geografia, história, ciências sociais e outras ciências humanas? Na interpretação da dinâmica das cidades hoje em dia, como podemos, a partir de experiências e propostas dos diversos campos do conhecimento — em particular, das humanidades —, ir em direção a uma interpretação mais crítica do espaço geográfico?

Horacio Capel: Bom, creio que o diálogo interdisciplinar, para começar, é absolutamente necessário. É uma batalha que levamos, alguns de nós, há tempos, e os Colóquios Internacionais de Geocrítica e as revistas que publicamos no portal Geocrítica vão nessa direção. Duas dessas revistas (*Scripta Nova* e *Biblio 3W)* têm como subtítulo "*Revista de Geografía y Ciencias Sociales*" porque acreditamos que fóruns de diálogo, de intercâmbio, de interação sejam necessários. Isso de maneira geral.

No que se refere a programas de pesquisa sobre problemas concretos, creio que o diálogo interdisciplinar é absolutamente imprescindível. Esses dias, no simpósio que estamos celebrando na USP sobre história da eletrificação, os temas que surgem têm a ver com a economia, com a sociologia, com a geografia dos investimentos, com a publicidade das empresas e, portanto, com a semiótica e com o *marketing*, e com toda uma série de campos que estão profundamente inter-relacionados, e que é necessário considerar dessa forma para entender o funcionamento do "negócio elétrico": como se dirigem as empresas, como se decidem os investimentos, e até que lugares, como se controlam e outros muitos aspectos fundamentais.

Creio que necessitamos... e necessitam, em primeiro lugar, os jovens. Os que já nos formamos em campos concretos, faremos o que pudermos; mas os jovens, precisam, em primeiro lugar, formar-se em alguma disciplina, em algum campo disciplinar, mas também estar abertos às outras ciências. Supõe-se que esses jovens que escolheram uma direção tenham problemas intelectuais. Então, se a disciplina que escolheram para se formar responde a todos os seus problemas intelectuais e às aspirações profissionais que eles têm, está perfeito. E se não, podem tentar mudar de carreira, ou diversificar sua formação através de mestrados. Em todo caso, o primeiro que devem aspirar a ser é excelentes especialistas no campo que escolheram, a estar entre os melhores. Creio que se deva exigir dos jovens que não

pretendam passar seus estudos de qualquer maneira, mas fazê-los da mesma forma que se faz nas melhores universidades. São Paulo, certamente, é uma das mais avançadas do mundo, e sei que a de Campinas também é muito boa; mas todas devem aspirar a estar entre as melhores; e os estudantes devem fazer esforço para estar tão bem formados como os que estudam em qualquer universidade que esteja em primeiro lugar do *ranking* mundial.

BCG: Isso é muito encorajador para nós.

Horacio Capel: Têm que fazê-lo! Têm que fazê-lo, sim. Além disso, é uma obrigação moral. O privilégio que se tem de estar na universidade exige — deve exigir — dos estudantes um grande esforço para que sejam os melhores. A partir daí, depende da profissão que se escolha. Mas em todo caso, em todos os campos a que alguém possa se dedicar, a abertura a outras disciplinas é fundamental. Já disse um professor espanhol de medicina, referindo-se à formação dos médicos: "aquele que só sabe medicina, nem medicina sabe"[14]. Porque ser médico, a pesquisa médica ou a prática médica, requer — e cada vez mais hoje — ter uma abertura a campos diversos, não somente à medicina.

Em todas as disciplinas acontece igual. Claro, não se pode se formar em tudo. Mas de acordo com o problema que se está desenvolvendo na profissão que se tenha, será necessário fazer um esforço em direções em que não se teve formação. Então, segundo o problema que se esteja estudando na cidade — já que a pergunta tem a ver com a cidade —, será necessário ampliar a formação no campo da economia, se o problema que se trata tem a ver com a economia da cidade; ampliar a formação no campo da semiótica, se tem a ver com símbolos e percepções na cidade; ampliar a formação em sociologia e antropologia, se está se estudando grupos sociais que se comportam de uma maneira determinada no espaço; ampliar a formação no campo da arquitetura e do urbanismo, matriculando-se, se necessário, em um curso de Arquitetura e Urbanismo, se as questões que lhe interessam têm a ver com a morfologia, com a construção de edifícios, com a localização e a influência dos edifícios nos comportamentos. Ou ampliar sua formação matemática, se está se fazendo investigações que requerem o tratamento de enquetes, de amplas bases de dados...

Ninguém pode fazer tudo sozinho. Para isso existem as equipes, com pessoas com formações distintas. Segundo o problema que se trate, é possível que um geógrafo tenha o suficiente com a tradição geográfica para aquilo que está estudando; ou um economista tenha o suficiente com a formação que adquiriu

14 A frase é atribuida ao médico José de Letamendi Manjarrés (1828-1897).

como economista. Mas o mais provável é que haja também dimensões que exigem fazer um esforço de formação pessoal em outros campos para resolver o problema. Sem dúvida, as equipes interdisciplinares favorecem essas interações e, em todo caso, creio que estava na pergunta, a formação histórica pode ser muito importante. Acredito que às vezes acontece no campo da geografia e em outras áreas científicas — no campo da economia, por exemplo, aconteceu — que se esqueça da história. Uma parte do problema da crise atual é que houve economistas que esqueceram essa dimensão histórica que lhes teria pensar que se produziria uma crise imobiliária, como se havia produzido outras vezes no passado.

Consta que no campo da economia nem todos os economistas têm sensibilidade ante as investigações, às vezes excelentes, que se desenvolvem da história econômica na maior parte das universidades. A crise atual tem a ver também com isso. Enquanto para o geógrafo, dependerá também do problema que estude, mas, em geral, como em todo o campo das ciências sociais, é difícil entender a situação atual sem ter ao mesmo tempo uma perspectiva história.

Então, nessa situação em que há geógrafos que estão deslumbrados pelos sistemas de informação geográfica, por novas tecnologias que parecem que resolvem tudo, haveria que se insistir que aqueles que se dedicam às ciências sociais (entre as quais incluo a geografia, que se não é humana não é geografia), os que queiram entender feitos humanos, necessitam não somente que haja historiadores na equipe, mas que eles mesmos devem ter uma formação histórica que lhes permita ter uma perspectiva ampla dos problemas que nesse momento se colocam.

E que olhem para o futuro. Porque definitivamente não se trata apenas de entender as raízes da situação atual, ou do problema atual que se está estudando, mas temos de olhar para o futuro — o que representa pensar em alternativas. E que não sejam simplesmente formulações de desejos e declarações retóricas, mas que sejam propostas bem fundamentadas com a atitude aberta de dialogar e de confrontar as alternativas com outras, para chegar a consensos e para preparar entre todos um futuro diferente e melhor que o que temos.

* * *

Sobre o entrevistado

Horacio Capel: professor de Geografia Humana da Universidade de Barcelona e Doutor Honoris Causa pela Universidade Nacional de San Juan, Argentina (1999), pela Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina (2002) e pela Universidade de Buenos Aires (2010). Suas publicações se iniciaram em 1964, chegando hoje a várias centenas, em revistas científicas de uma dúzia de países. Entre suas atividades também se destaca a direção das revistas Geo Crítica, Scripta Nova, Biblio 3W e Aracne.

Até meados dos anos setenta, realizou pesquisas sobre questões relacionadas à geografia urbana (morfologia e sistemas urbanos) e à percepção do espaço. A partir de meados dos anos setenta, centrou sua atenção na teoria e na história da Geografia e da ciência, destacando-se livros como *Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea* (1981 e 1983; edição brasileira, vol. I, 2004; nova edição ampliada, 2012).

Desde o final dos anos oitenta, trabalhou em questões relacionadas à inovação tecnológica e ao meio ambiente local, entre outras. Desde 2000, voltou a trabalhar em questões relacionadas com a cidade e com a inovação técnica. Entre seus livros mais lidos estão obras dedicadas às questões urbanas, como *Dibujar el mundo. Borges y la geografía del siglo XXI* (2001), *La morfología de las ciudades. Sociedad, cultura y espacio urbano* (2 volumes, 2002 e 2005), *La cosmópolis y la ciudad* (2003) e *Los ferro-carriles en la ciudad. Redes técnicas y configuración del espacio urbano* (2011).

* * *

BCG: http://agbcampinas.com.br/bcg

Entrevista realizada em maio de 2013.